

YU HUA

Irmãos

Tradução

Donaldson M. Garschagen



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright by ©

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.



Publicado com apoio de China Book International

Título original

Xiong Di

Capa

Mayumi Okuyama

Imagem da capa

Shenzhen, 1994 © Marc Riboud/ Magnum Photos/ LatinStock

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Angela das Neves

Erika Nakahata

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hua, Yu

Irmãos / Yu Hua ; tradução Donaldson M. Garschagen. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Xiong di.

ISBN 978-85-359-1741-3

1. Ficção chinesa I. Título.

10-09275

CDD-895.13

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura chinesa 895.13

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

PRIMEIRA PARTE

1.

Li Carequinha, o grande magnata de nossa Cidade de Liu, alimentava um plano fantástico: gastar vinte milhões de dólares americanos para pagar um passeio no espaço a bordo de um ônibus espacial da Federação Russa. Sentado em sua famosa privada folheada a ouro, fechava os olhos e já se imaginava flutuando em órbita, cercado pelas profundezas insondáveis e gélidas do espaço sideral. Baixava o olhar para o planeta deslumbrante que se estendia embaixo dele, mas ficava perturbado ao pensar que não tinha uma família a esperá-lo na Terra.

Li Carequinha tinha tido um irmão, chamado Song Gang, um ano mais velho e uma cabeça mais alto que ele, com quem dividia tudo. Song Gang, leal e teimoso, havia morrido três anos antes e, depois de cremado, ficara reduzido a um montinho de cinzas. Quando Li Carequinha se lembrava da pequena urna de madeira com os restos do irmão, era tomado por um milhão de sentimentos contraditórios. Até as cinzas de um arbustinho, refletia, pesavam mais que as dos ossos de Song Gang.

Quando a mãe de Li Carequinha ainda vivia, gostava de comentar com ele o quanto Song Gang se parecia com o pai, dizendo que filho de peixe peixinho é. Ressaltava que era honesto e prestativo, tal qual o pai, e dizia que quem sai aos seus não degenera. Quando falava sobre Li Carequinha, não dizia esse tipo de coisa, mas balançava a cabeça com energia. Dizia que Li Carequinha e o pai eram pessoas inteiramente diferentes. Só quando Li Carequinha completou catorze anos e foi apanhado em flagrante espiando trasei-

ros de cinco mulheres num banheiro público, foi que a opinião da mãe a respeito do filho mudou da água para o vinho. Só então ela compreendeu que Li Carequinha e o pai eram, na verdade, farinha do mesmo saco. Li Carequinha lembrava claramente que a mãe tinha desviado os olhos e se afastado dele, murmurando, consternada, enquanto enxugava as lágrimas: “Filho de peixe peixinho é”.

Li Carequinha jamais conhecera o pai biológico, pois no dia em que nasceu o pai deu adeus a este mundo de um jeito que não cheirou nada bem. Sua mãe lhe contou que o pai tinha se afogado, mas Li Carequinha perguntou: “Como? Ele se afogou no rio, na lagoa ou num poço?”. A mãe não respondeu. Só mais tarde, depois que Li Carequinha foi pego espiando bundas e se tornou tristemente célebre em toda a Cidade de Liu, foi que ele soube que era de fato uma farinha podre do mesmo saco ruim. Só então veio a saber que o pai também estava espiando bundas de mulheres no banheiro público quando caiu na fossa, por acidente, e se afogou.

Todo mundo na Cidade de Liu — homens e mulheres, velhos e crianças — riu muito ao saber o que Li Carequinha tinha feito e não paravam de repetir “Filho de peixe peixinho é”. Tão certo como dois e dois são quatro, se você morasse na Cidade de Liu haveria de repetir essa frase. Até mesmo crianças que mal sabiam falar direito eram vistas a papagueá-la. As pessoas apontavam para Li Carequinha, cochichando e abafando o riso, mas Li Carequinha mantinha uma expressão de inocência e seguia seu caminho. Por dentro, entretanto, ele dava risada, pois agora — naquela época, estava para fazer quinze anos — finalmente sabia o que era ser homem.

Hoje em dia o mundo está cheio de bundas femininas peladas, rebolando de um lado para outro, na televisão e no cinema, em vídeos e DVDs, em anúncios e revistas, em canetas esferográficas e isqueiros. Vê-se todo tipo de bunda: bundas importadas e nacionais; amarelas, pretas e mulatas; grandes, pequenas, gordas e magras; lisas e enrugadas, novas e velhas, falsas e reais — há bundas de todas as formas e tamanhos, numa variedade impressionante. Hoje em dia, bundas femininas peladas já não despertam tanto interesse, pois podem ser vistas praticamente em toda parte. Mas naquele tempo as coisas eram diferentes. Naquela época, traseiros femininos eram um artigo raro e precioso, que não se podia obter nem a troco de ouro, prata ou pérolas. Para ver uma bunda feminina ao vivo, era preciso espiá-la num banheiro público — e por isso aconteciam coisas como um bandidinho da laia de Li Carequinha ser apanhado em flagrante, e um bandidão como o pai dele perder a vida só para dar uma olhada.

Naquele tempo, os banheiros públicos eram diferentes dos atuais. Hoje em dia uma pessoa não conseguiria espiar uma bunda de mulher num desses

banheiros nem usando um periscópio, mas naquele tempo havia apenas uma frágil divisória entre a área masculina e a feminina, e embaixo dela ficava uma fossa comum. Do outro lado da divisória, os sons de mulheres mijando e cagando pareciam perturbadoramente próximos. Assim, em vez de se acocorar onde devia, um sujeito podia meter a cabeça sob a divisória, agarrando-se com firmeza às tábuas, com as mãos e as pernas, e se pendurar sobre a estrutura lá embaixo. Suportando a fedentina nauseabunda que lhe fazia vir lágrimas aos olhos e a visão de um sem-fim de vermes rastejantes, o camarada se dobrava como um nadador de competição em sua baliza, prestes a saltar na piscina, e quanto mais se dobrasse mais bundas conseguiria ver.

Daquela feita, Li Carequinha pilhou cinco bundas com um só olhar: uma miudinha, uma gorda, duas ossudas e uma toda certinha, dispostas em linha regular, como peças de carne num açougue. A bunda gorda lembrava um lombinho fresco de porco, as duas ossudas pareciam carne-seca, enquanto a bunda miudinha... bem, essa nem valia a pena comentar. A bunda de que Li Carequinha gostou foi a toda certinha, que se encontrava diretamente em sua linha de visão. Era a mais arredondada das cinco, tão arredondada que parecia arrebata, com a pele firme revelando os tênues contornos do cóccix. Com o coração batendo forte, ele quis ver de relance a área pubiana, do outro lado do cóccix, e por isso se dobrou mais um pouco, metendo a cabeça cada vez mais fundo sob a divisória. Mas de repente, quando estava a ponto de ter um vislumbre do que queria ver, foi apanhado em flagrante.

Um rapaz chamado Zhao Vitória, um dos dois Talentos Promissores de nossa Cidade de Liu, tinha entrado no banheiro naquele exato momento. Percebeu a cabeça e o tronco de uma pessoa se enfiando por baixo da divisória e logo compreendeu o que se passava. Agarrou Li Carequinha pelo cangote, puxando-o como se arrancasse uma cenoura da terra.

Naquela época Zhao Vitória estava na casa dos vinte anos e havia publicado um poema de quatro linhas na revista mimeografada do centro cultural de nossa província, ganhando com isso a alcunha de Zhao Poeta. Depois de ganhar Li Carequinha, Zhao ficou vermelho como um pimentão. Arrastou o adolescente para fora e começou a lhe pregar um sermão incessante, sem, no entanto, deixar de lado a veia poética: “Ora veja, em lugar de contemplar o mar reluzente que são as ervinhas tenras no campo, os peixes que saracoteiam no lago ou os formosos chumaços de nuvens no céu de anil, o senhor prefere espreitar no banheiro...”.

Zhao Poeta perorou nesse tom por mais de dez minutos, sem que houvesse nenhum movimento na parte feminina do banheiro. Por fim, Zhao se cansou, correu até a porta e gritou, conclamando as mulheres a sair. Esquecido de que era um beletrista refinado, gritou com inesperada grosseria:

“Parem de mijar e de cagar. Vocês foram espionadas e nem se dão conta disso. Levantem as bundas daí”.

As donas das cinco bundas finalmente apareceram, gritando e chorando. Quem chorava era a da bunda miudinha que nem valia a pena comentar. Era uma menina de uns onze ou doze anos, que cobria o rosto com as mãos e chorava tanto que se sacudia, como se Li Carequinha, em vez de espia-la escondido, a tivesse estuprado. Ainda nas garras de Zhao Poeta, Li Carequinha olhava para a bundinha lacrimosa e pensava: “Por que todo esse chororô por causa de sua bundinha mirrada? Só dei uma olhada porque não havia muito mais o que fazer”.

Uma moça bonita de dezessete anos foi a última a aparecer. Rubra de cólera, deu uma olhada rápida em Li Carequinha e foi embora depressa. Zhao Poeta lhe disse, gritando, que não fosse embora, que voltasse e exigisse reparação. Mas em vez disso ela se afastou mais depressa ainda. Li Carequinha se pôs a observar seu rebolado enquanto ela caminhava, e percebeu que a bunda tão redondinha que até ficava arrebitada tinha de ser a dela.

Assim que a bunda redonda sumiu na distância e a bundinha chorona também se foi, uma das bundas ossudas se pôs a vociferar contra Li Carequinha, enchendo seu rosto de cuspe. Depois ela enxugou a boca e também se retirou. Li Carequinha ficou a observá-la e notou que sua bunda era tão reta que, agora que a mulher tinha vestido a calça, nem se percebia que existia.

Os três que tinham permanecido ali — o exaltado Zhao Poeta, a bunda lombinho de porco e a outra bunda carne-seca — agarraram então Li Carequinha e o carregaram para a delegacia de polícia. Desfilaram com ele pela cidadezinha de menos de cinquenta mil habitantes, e no caminho o outro Talento Promissor do lugar, Liu Sucesso, se juntou a eles.

Como Zhao Poeta, Liu Sucesso também estava na casa dos vinte anos e havia publicado alguma coisa na revista do centro cultural. Seu trabalho era um conto, cujas palavras se comprimiam em duas páginas. Comparadas com os quatro versos de Zhao, as duas páginas de Liu causavam muito mais impacto, o que lhe valeu o apelido Liu Escritor. Liu não perdia para Zhao Poeta em termos de apelidos, e decerto não se dispunha a perder para ele também em outras áreas. Liu Escritor tinha saído para comprar arroz quando viu Zhao Poeta se pavoneando em sua direção, levando Li Carequinha pela gola, e concluiu num abrir e fechar de olhos que não podia permitir que Zhao Poeta ficasse com toda a glória para si. Por isso, quando Zhao Poeta chegou perto, bradou: “Estou aqui para ajudar!”.

Zhao Poeta e Liu Escritor tinham uma íntima camaradagem literária, e certa vez Liu Escritor havia trabalhado duro para produzir o panegírico perfeito para os quatro versos de Zhao. Naturalmente Zhao Poeta pagou na

mesma moeda e futucou até achar louvores ainda mais rebuscados para as duas páginas de prosa de Liu Escritor. No começo Zhao Poeta estava andando atrás de Li Carequinha, segurando firme o vilão, mas agora que Liu Escritor se juntou a eles Zhao Poeta passou para o lado esquerdo e ofereceu a Liu Escritor o lugar da direita. Os dois Talentos Promissores da Cidade de Liu ladearam Li Carequinha, apregoando que o estavam conduzindo à delegacia de polícia. Na verdade, havia um posto policial bem junto da esquina, mas não quiseram levá-lo para lá. Em vez disso, desfilaram com ele até outro posto, que ficava bem mais longe. No caminho, fizeram questão de passar pelas ruas principais, procurando usufruir ao máximo aquele momento de glória. Escoltando Li Carequinha pelas ruas, disseram-lhe com arrogância: “Veja só, você está sendo levado para a prisão por nós, dois homens importantes. Você é um sujeito de sorte!”.

Zhao Poeta acrescentou: “É como se você estivesse sendo levado por Li Bai e Du Fu...”.

Liu Escritor julgou que a analogia de Zhao Poeta não condizia bem com os fatos, uma vez que tanto Li Bai como Du Fu eram poetas, ao passo que ele próprio, Liu, escrevia ficção. Por isso corrigiu Zhao, dizendo: “É como se Li Bai e Cao Xueqin estivessem levando você...”.

De início Li Carequinha não tinha prestado atenção aos gracejos deles, mas, ao ouvir os Talentos Promissores da Cidade de Liu se comparando a Li Bai e Cao Xueqin, não pôde deixar de rir. “Epa, até eu sei que Li Bai era da dinastia Tang, enquanto Cao era da dinastia Qing”, retrucou. “Então? Como um cara Tang pode estar na companhia de um Qing?”

Um bando de gente que tinha se reunido na beira da rua caiu na gargalhada. Disseram que Li Carequinha tinha toda razão, que os dois Talentos Promissores da Cidade de Liu podiam realmente ter muito talento, mas que seu conhecimento de história não era páreo nem para aquele xeretinha abelhudo. Os dois Talentos Promissores coraram até a raiz dos cabelos, e Zhao Poeta, esticando o pescoço, afirmou: “É só uma analogia”.

“Bem, podemos usar outra analogia”, propôs Liu Escritor. “Como você está sendo escoltado por um poeta e um romancista, podemos dizer que somos Guo Moruo e Lu Xun.”

As pessoas na rua manifestaram sua aprovação. Até Li Carequinha fez um gesto de cabeça e declarou: “Assim está melhor”.

Zhao Poeta e Liu Escritor não se atreveram a dizer mais coisa alguma na área da literatura. Em vez disso, agarraram Li Carequinha pela nuca e denunciaram sua conduta de marginal para quem quisesse ouvir, enquanto continuavam a avançar com toda a seriedade. Li Carequinha distinguiu no caminho muitas pessoas que escondiam o riso ao vê-lo, das quais algumas ele

conhecia, mas outras, não. Zhao Poeta e Liu Escritor paravam a cada instante para contar a todo mundo o que tinha acontecido, mostrando-se mais refinados que apresentadores de programas de entrevistas. E as duas mulheres cujas bundas tinham sido espiadas por Li Carequinha se portavam como as convidadas especiais desses programas, mostrando-se alternadamente furiosas e ofendidas à medida que Zhao Poeta e Liu Escritor narravam o acontecido. Em dado momento, as duas mulheres caminhavam sossegadas pela rua quando, de repente, a da bunda gorda deu um grito, ao notar que o marido estava entre os espectadores, e começou a soluçar, queixando-se em voz alta: “Ele viu meu traseiro e sabe Deus o que mais! Dê uma surra nele!”.

Todos riram e se viraram para o marido, que ficou imóvel, ruborizado e de cara fechada. Zhao Poeta e Liu Escritor detiveram Li Carequinha e, pegando-o pelo colarinho, o arrastaram até o marido constrangido, como se oferecessem um osso com carne a um cachorro. A gorda continuava a ulular, insistindo que seu marido desse uma sova em Li Carequinha: “Meu traseiro é só para os seus olhos, mas agora esse canalha também o viu. O que posso fazer? Acabe com ele! Arranque os olhos dele! O que está esperando? Não tem vergonha?”.

Todos os espectadores gargalharam, e até Li Carequinha deu uma risadinha. Achava que esse homem estava sendo desmoralizado, não por causa dele, Li Carequinha, mas por causa da mulher. E ela recomeçou a gritar: “Veja só, ele tem até o topete de rir! Aproveitou-se de mim, e está feliz com isso! Por que você não bate nele? Não vê que ele está humilhando você? Por que não faz alguma coisa?”.

Esse homem era o famoso Tong Torquesão de Liu. Quando Li Carequinha era criança, ia muitas vezes à forja do Torquesão para vê-lo trabalhar e admirar as fagulhas que saltavam do metal batido. Agora o Torquesão estava tão zangado que sua pele ficou mais escura que o aço derretido. Deu uma bofetada em Li Carequinha como se estivesse martelando uma peça de metal, atirando o adolescente ao chão e arrancando dois de seus dentes, o que deixou o garoto vendo estrelas e ouvindo um zumbido durante cento e oitenta dias. Esse golpe na cabeça fez Li Carequinha achar que tinha pagado um alto preço por sua transgressão, e ele jurou que se algum dia reencontrasse a bunda da mulher do ferreiro manteria os olhos bem fechados e não lhe lançaria nem uma olhadinha, mesmo que lhe fosse oferecido todo o ouro e a prata do mundo.

Depois que Li Carequinha teve seu castigo, Zhao Poeta e Liu Escritor continuaram a desfilar com ele pelas ruas, com um olho preto e o nariz sangrando. Voltaram a percorrer repetidamente as ruas da Cidade de Liu, passando pela delegacia de polícia três vezes. No fim, até os policiais saíram para a frente da delegacia a fim de assistir ao espetáculo, mas Zhao Poeta e Liu

Escritor ainda relutavam em lhes entregar Li Carequinha. Zhao, Liu e as duas mulheres restantes desfilaram com o vilão pela cidade até que a bunda lombinho de porco fresco não quis mais acompanhá-los e a bunda carne-seca também se desinteressou. Depois que as duas foram para casa, Zhao Poeta e Liu Escritor deram uma última volta pela cidade com Li Carequinha, até suas próprias pernas e costas começarem a doer e suas gargantas secarem. Só então o entregaram à polícia.

Na delegacia, os cinco policiais cercaram Li Carequinha ao mesmo tempo e crivaram-no de perguntas. Depois de se informar sobre os nomes das cinco mulheres, começaram a fazer perguntas detalhadas sobre cada uma delas, pulando somente a bundinha desprezível. Não pareciam estar fazendo um interrogatório regulamentar, pois se mostravam mais interessados na descrição pormenorizada e precisa das várias bundas. Quando Li Carequinha começou a falar da bunda toda certinha, nem gorda nem magricela, tão arredondada que ficava arrebitada, os policiais ficaram embevecidos, como se ouvissem uma história de mistérios e assombrações. Essa donzela de traseiro rotundo, chamada Lin Hong, era uma conhecida beldade da Cidade de Liu, e os policiais tinham muitas vezes admirado seu rabinho lindo quando ela saía à rua. Eram muitos os homens que tinham examinado seus glúteos cobertos por roupas — mas só Li Carequinha os tinha visto ao natural. Os policiais perceberam que a detenção de Li Carequinha lhes oferecia uma oportunidade sem igual, e por isso não se cansavam de lhe fazer repetidas perguntas sobre aquele traseiro. Toda vez que ele começava a descrever a pele firme e a ligeira elevação do cóccix, os olhos dos policiais se iluminavam como lâmpadas, mas, quando ele admitiu que não tinha visto muita coisa mais, os olhos deles imediatamente se turvaram, como se de repente faltasse eletricidade. Com os semblantes traduzindo desapontamento e frustração, os homens socaram a mesa e exclamaram: “Uma confissão sincera leva ao indulto, mas a omissão só tem como resultado castigos severos! Portanto, pense com cuidado: o que mais você viu?”.

Com o coração na boca, Li Carequinha narrou como tinha se abaixado um pouquinho mais, tentando um relance da área pubiana de Lin Hong. Sua voz se transformou num sussurro, e os ouvintes prenderam a respiração. Foi como se Li Carequinha tivesse retomado sua história de fantasmas, mas no momento em que o espectro estava para aparecer a narrativa terminou bruscamente. Li Carequinha explicou que no instante em que estava para entrever a área pubiana de Lin Hong, Zhao Poeta o puxou pela gola, e com isso ele não tinha visto nada. Li Carequinha desculpou-se, pesaroso: “Foi por um triz...”.

Quando Li Carequinha se calou, os cinco policiais não conseguiram recuperar o fôlego de imediato e continuaram a fitá-lo. Só ao perceberem que

os lábios dele tinham parado de se mexer compreenderam afinal que aquela era mais uma história sem final feliz. Todos tinham no rosto expressões estranhas e pareciam cinco cachorros famintos que acabassem de ver um pato recém-assado bater as asas e voar. Um deles culpou Zhao Poeta, dizendo: “Esse tal de Zhao... Não devia estar em casa escrevendo poesia? O que estava fazendo no banheiro?”.

Entendendo que nada mais arrancariam de Li Carequinha, os policiais concordaram em deixar que ele fosse para casa com a mãe. Li Carequinha lhes disse que a mãe se chamava Li Lan e trabalhava na fábrica de seda. Um policial foi à porta da frente da delegacia e pôs-se a gritar para as pessoas na rua, perguntando se alguma delas conhecia Li Lan. “Vocês sabem, aquela que trabalha na fábrica de seda.” Depois de se esgoelar por uns cinco minutos, o policial finalmente achou alguém que estava indo para a fábrica. O transeunte perguntou por que estava à procura de Li Lan, ao que ele respondeu: “Só diga a ela que venha à delegacia para pegar o filho desordeiro”.

Li Carequinha ficou na delegacia a tarde toda, como um objeto perdido à espera de que alguém fosse buscá-lo. Sentou-se no banco comprido, olhando a luz do sol que entrava pela porta principal. No começo, o feixe de luz no chão de cimento tinha a mesma largura do portal, mas depois foi se estreitando cada vez mais e acabou desaparecendo de todo. Li Carequinha não se dava conta de que tinha ficado famoso e que todo mundo que entrava na delegacia vinha dar uma espiada nele — homens e mulheres, todos abafando o riso, olhando de soslaio para o sujeito que tinha visto a bunda das mulheres no banheiro público. Quando não havia ninguém a olhar para ele embasbacado, um policial após outro vinha procurá-lo, ainda com um fio de esperança, batendo com o punho na mesa e perguntando com expressão severa: “Pense bem. Há alguma coisa que você se esqueceu de contar?”.

Já tinha caído a noite quando a mãe de Li Carequinha apareceu na delegacia. Não viera antes porque tinha medo de ser apontada na rua e que fizessem comentários sobre ela. Catorze anos antes, o pai de Li Carequinha quase a matara de vergonha, e agora o filho só fazia aumentar sua humilhação. Por isso tinha esperado escurecer, se cobrira com um xale e uma máscara cirúrgica e, meio às escondidas, fora à delegacia. Ao entrar, entreviu o filho e logo desviou o olhar. Cabisbaixa diante do único policial ainda por ali, explicou com voz trêmula quem era. O soldado, cujo turno de serviço já tinha acabado havia muito, teve um ataque de fúria e berrou: “A senhora sabe que porra de horas são? Já são quase oito horas, ainda não jantei e, além disso, tinha marcado para ir ao cinema esta noite. Tive de brigar na fila para conseguir um ingresso, e agora me diga, que merda vou conseguir ver? Mesmo que eu pegasse um avião para o cinema, só ia conseguir ver a palavra Fim”. Diante de

todo esse destampatório, a mãe de Li Carequinha ficou desolada, balançando a cabeça a cada palavra do policial, até que por fim ele disse: “Pare de balançar essa cabeça de bosta e suma daqui. Vou fechar esta baiuca”.

Fora da delegacia, a mãe de Li Carequinha foi caminhando em silêncio, de cabeça baixa, pelo lado escuro da rua principal. O filho ia atrás dela, contente da vida e balançando os braços com displicência, como se fosse ela quem tivesse sido flagrada na privada, e não ele. Em casa, a mãe de Li Carequinha foi para seu quarto sem uma palavra, fechou a porta e não fez mais nenhum outro barulho. Tarde da noite, meio adormecido, Li Carequinha percebeu que ela se aproximava da cama dele e, como em outras noites, ajeitava o cobertor que ele tinha afastado. Li Lan não falou com o filho durante vários dias, até que, em uma noite de chuva, pronunciou, chorosa, uma única frase: “Filho de peixe peixinho é”. Sentou-se num canto meio escuro, longe da luz baça do cômodo, e contou a Li Carequinha, com a voz mais fraca ainda, que o pai dele tinha morrido afogado quando espiava bundas de mulheres no banheiro público. Na época, sentiu tanta vergonha que pensou em se enforcar, e só tinha resolvido continuar viva por causa das lágrimas do filho recém-nascido. Disse que, se soubesse que ele viria a ser da mesma laia que o pai, teria levado adiante a decisão de se matar.